

## O governo dos corpos: o dispositivo biopolítico na obra “O conto da aia”

*The government of the bodies: the biopolitical dispositive in “The handmaid’s tale”*

Bruna dos Santos Leite<sup>1</sup>

**Resumo:** A existência humana ocorre em um determinado período no tempo, possuindo determinadas características históricas, sociais, culturais, econômicas, políticas, etc, que circunscrevem os corpos dos indivíduos. Ou seja, cada época e sociedade produzem relações específicas entre indivíduos e os seus corpos, assim como determinadas formas de comportamento social desejáveis e aceitáveis (vestir, falar, alimentar-se, por exemplo). E este é um tema recorrente nas obras de Michel Foucault (1926-1984), ao definir o biopoder como o poder que é exercido sobre a vida, efetuando-se nas práticas sociais de dois modos: (i) como disciplina, visando à constituição de “corpos dóceis”, isto é, atuando individualmente sobre cada pessoa; e (ii) como biopolítica, conduzindo o comportamento e ordenando a vida das populações. Com base nesta perspectiva, o presente artigo analisa a obra literária “O conto da aia” (1985), de Margaret Atwood (1939-), identificando de que modo a biopolítica, enquanto dispositivo de poder que atua sobre o comportamento dos indivíduos, se efetiva na sociedade fictícia narrada. O objetivo não é o de realizar uma investigação sobre o discurso literário, mas: (1) aplicar ao cenário da narrativa o modo de análise proposto por Foucault, para (2) verificar as possibilidades e as limitações desse método em um determinado contexto político-social-econômico-histórico, ainda que ficcional. “O conto da aia” foi escolhido porque ele apresenta uma sociedade com lugares sociais definidos pelo corpo e sua “produtividade”, formando castas, elaborando rituais e modos de ser na sociedade, que visa a administração integral do comportamento social. O enredo da obra é complementado por discursivos descontínuos, mostrando as “brechas” e as “falhas” neste sistema de poder, que indicam os pontos de resistência, permitindo que ele possa ser utilizado como um exercício filosófico-reflexivo, que questiona as relações de poder e reflete acerca das práticas de liberdade.

**Palavras-chave:** Foucault; “O Conto da Aia”; corpo, biopolítica; biopoder.

**Abstract:** Human existence happen in a determined period in time, having determined historical, social, cultural, economic, political characteristics that circumscribe the bodies of individuals. In others words, each epoch and society produce specific relationships between individuals and their bodies, as well as certain desirable and acceptable forms of social behavior (dressing, talking, eating, for example). This is a recurring theme in the studies of Michel Foucault (1926-1984), that defines biopower as the power that is exerted on life, taking place in social practices in two ways: (i) as a discipline, aiming at the constitution of “docile bodies”, that is, acting individually upon each person; and (ii) as biopolitics, conducting behavior and ordering the lives of populations. Based on this perspective, this article analyzes Margaret Atwood's (1939-) novel “The handmaid's tale” (1985), identifying how biopolitics, as a power dispositive that acts on the behavior of individuals, effective in the fictional society narrated. The objective is not to conduct an investigation into literary discourse, but: (1) to apply to Foucault's mode of analysis the narrative scenario, and (2) to verify the possibilities and limitations of this method in a determined political-social-economic-historical context, even if fictional. “The handmaid's tale” was chosen because it presents a society with social places defined by the body and their “productivity”, forming castes, elaborating rituals and ways of being in society, which aims at the integral administration of social behavior. The plot of the novel is complemented by discontinuous discursives, showing the “gaps” and “failures” in this power system, which indicate the points of resistance, allowing it to be used as a philosophical-reflective exercise that questions the relations of power and reflects on the practices of freedom.

**Keywords:** Foucault; “The handmaid’s tale”, body, biopolitics; biopower.

<sup>1</sup> Mestranda em Filosofia. Instituição: PPGFIL – UFPEL. Bolsista CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7088346754423137>. E-mail: [brunaleite.filosofia@gmail.com](mailto:brunaleite.filosofia@gmail.com). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES), Código de Financiamento 001.

## Introdução

Nossa existência ocorre em um determinado período no tempo. Esse período é histórico, possuindo determinadas características sociais, culturais, econômicas, políticas e outras tantas que marcam nosso corpo. Podemos dizer que nosso corpo carrega as marcas de nosso tempo, ou seja, ele é o produto das interações e das relações que estabelecemos ao longo de nossa vida: nossa postura, nosso modo de falar, nossa maneira de caminhar e de sentar, nosso tom de voz, com quem devemos falar e sobre o que devemos discorrer – tudo isso é marca de nosso tempo. Isso quer dizer que, se vivêssemos em outra época, ou em outra sociedade, provavelmente nossa relação com nosso corpo seria diferente e, também, o nosso comportamento.

A questão do corpo é vivenciada cotidianamente, ainda que não tematizemos isso de forma explícita. Por esta razão, este é um tema recorrente nas obras de Michel Foucault. Ao relacionarmos corpo e poder, a literatura foucaultiana nos apresenta o conceito de *biopoder*: o poder que é exercido sobre a vida. O biopoder se efetua nas práticas sociais de dois modos: como *disciplina*, visando a fabricação de “corpos dóceis”, atuando individualmente sobre cada pessoa; e como *biopolítica*, normalizando o comportamento e gerindo a vida das populações, atuando em um nível social.

Neste contexto, realizamos uma análise da obra literária “O conto da aia”<sup>2</sup>, de Margaret Atwood (2017), buscando identificar de que modo o biopoder se efetiva na sociedade fictícia narrada por ela, enfatizando nos modos como a biopolítica se desenvolve. Procuramos não realizar uma análise do discurso literário, mas aproveitar o cenário da narrativa para verificar se é possível aplicar o modo de análise do poder proposto por Foucault em um determinado contexto político-social-econômico-histórico, ainda que ficcional. Salientamos que, para a análise ser mais profícua, nos limitaremos apenas à obra escrita, não considerando a série televisiva que está sendo veiculada<sup>3</sup>, pois entendemos que a série acresce elementos que extrapolam a narração literária, demandando uma análise diferenciada (destacamos, contudo, a validade da análise da série para estudos futuros).

Assim, propomos um exercício filosófico de reflexão, buscando verificar alguns pontos importantes elencados por Foucault para analisar as relações entre poder e corpo. A escolha da obra “O conto da aia” ocorreu em virtude da narrativa apresentar uma sociedade com lugares sociais definidos a partir do corpo, formando castas, criando rituais e modos de ser na sociedade.

### 1. A análise do corpo e dos dispositivos de biopoder a partir das acepções de Foucault

<sup>2</sup> Título original: “The handmaid’s tale”. Primeira publicação: 1985. Utilizaremos a edição publicada pela Rocco, 2017.

<sup>3</sup> Atualmente a série estadunidense “The handmaid’s tale” é produzida pelo serviço de streaming Hulu, e possui três temporadas, lançadas em 2017, 2018 e 2019. No Brasil, a série é televisionada pela Paramount Channel.

Foucault produziu importantes estudos sobre o poder que se tornaram referências sobre o tema, como as obras “Vigiar e Punir” e os quatro volumes de “História da Sexualidade”. Além disso, diversos cursos ministrados no Collège de France igualmente abordam o tema do poder, com múltiplos enfoques. Destacamos os cursos “Em Defesa da Sociedade” (1975-1976), “Segurança, Território, População” (1977-1978), “O Nascimento da Biopolítica” (1978-1979) e “Do governo dos vivos” (1979-1980). Essas referências nortearam nosso trabalho de sistematizar pontos relevantes indicados por Foucault em suas análises sobre o poder e sua relação com o corpo. Essas indicações se referem àquilo que devemos observar durante o estudo, pois constituem parte essencial das investigações empreendidas pelo autor.

Nossa pesquisa identificou alguns itens essenciais para a análise do biopoder a partir das obras mencionadas anteriormente. Esses pontos consideram: o sistema de diferenciações; os tipos de objetivos; as modalidades instrumentais; as formas de institucionalização; os graus de racionalização; a disciplinarização dos corpos; a administração dos corpos alheios; a hierarquização de acordo com as capacidades, diferenciação dos indivíduos, homogeneização e exclusão; a ação sobre as práticas sociais; e as réplicas, objeções, resistência e enfrentamentos. O estudo com base na obra de Atwood será desenvolvido visando a verificar se é possível, a partir dos pontos indicados, identificar os modos como o poder opera naquela sociedade. Contudo, é necessário compreendermos, primeiramente, como Foucault concebe a relação entre o poder e o corpo.

De acordo com Foucault (1995, 2013, 2017), o poder é exercido por meio de ações, nas quais um indivíduo age sobre outro(s), impondo normas, obrigações e proibições. “O poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2013, p. 103) Por meio de mecanismos e dispositivos, o poder atua de modo a regular as relações entre os indivíduos. Esses indivíduos são livres e, por esta razão, aquele que está submetido ao poder tem a possibilidade de confrontar-se com as imposições e mudar a dinâmica, passando a exercer poder sobre outro(s). Desse modo, o poder para o autor é, antes de tudo, algo dinâmico, suscetível a mudanças e a rupturas.

A partir do final do século XVII, na Europa, os mecanismos e os dispositivos de poder passaram a ser utilizados para modelar e controlar o corpo, pois este se tornou o principal meio para regular e conduzir o comportamento dos indivíduos (FOUCAULT, 2003, 2010, 2013). Esse outro modo de relação com o corpo inaugurou, segundo Foucault (2013), o *biopoder*, que pode ser compreendido como um sistema composto por diversas técnicas e estratégias centradas no corpo e no comportamento, que se exercem modo individual, pelas disciplinas, e também em um nível social, por meio da biopolítica. Segundo Foucault (2003), nas relações de poder, o corpo, para ser útil, deve ser submisso e produtivo. E, para que os indivíduos se submetam a esse tipo de relação, são necessários mecanismos que não utilizem a violência para sua implementação, nem mesmo se baseiam apenas em discursos ideológicos. Conforme o autor,

essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos de violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem, no entanto ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e no entanto continuar a ser de ordem física (FOUCAULT, 2003, p. 29).

Em outros termos, é necessária uma tecnologia política do corpo, formada por discursos, técnicas e mecanismos de poder que utilizam o corpo como meio para a efetivação das relações de poder, e ainda, para que as mesmas se reproduzam (FOUCAULT, 2003). O objetivo do biopoder é formar indivíduos que se sujeitem às relações de poder sem resistência. Por este motivo, o corpo é primordial: um corpo docilizado será submisso ao poder.

Além disso, a biopolítica torna-se um elemento importante para esta análise, considerando que esta se refere ao comportamento e às relações interpessoais como forma de controle dos sujeitos. A biopolítica insere as instituições e o Estado na vida privada, por meio de estratégias de intervenção em fenômenos sociais. O objetivo é controlar, estimular e reduzir a vida humana, que passa a ser um recurso dos governos. Desse modo, os dispositivos biopolíticos são exercidos coletivamente sobre as populações, no qual a vida (biológica e social) se constitui enquanto espaço de intervenção pública. Aspectos da vida privada como nascimentos, morte, saúde, natalidade, juventude, velhice, sexo, etc., se tornam preocupações do Estado e das instituições de poder, mostrando-se como elementos importantes para a gestão das sociedades. Conforme Ruiz (2007), a vida humana se torna instrumental conforme sua utilidade e produtividade. Por intermédio do corpo, a partir de sua categorização, administração e controle, estabelecem-se estratégias biopolíticas que visam a máxima produtividade dos indivíduos.

## **2. A fundação da República de Gilead**

A obra “O conto da aia” tem como cenário uma sociedade do futuro, surgida após os Estados Unidos sofrerem um ataque no qual o presidente e todos os congressistas foram assassinados por um grupo fundamentalista cristão, os “Filhos de Jacó”. Após o ataque, o grupo, formado por homens chamados de “Comandantes”, assumiu o governo do país. Para realizarem as reformas sociais (e morais) pretendidas, eles revogaram a constituição e instituíram uma nova lei, fundando assim a República de Gilead.

O contexto é marcado por baixíssimas taxas de natalidade, alto índice de mortalidade infantil, crianças que nascem deformadas ou mortas, muitos abortos espontâneos durante toda a gestação, e ainda um alto índice de infertilidade, em escala mundial. Os fundadores de Gilead, preocupados com a possibilidade de extinção dos humanos, atribuíram esses problemas à ampla disponibilidade de métodos contraceptivos, à homossexualidade, às doenças sexualmente transmissíveis, e também “ao uso descontrolado de inseticidas químicos, herbicidas e outras substâncias líquidas pulverizadas”

(ATWOOD, 2017, p. 358), além de vazamentos nucleares e de armas químicas, associados ao aumento de depósitos ilegais de lixo tóxico, etc.

Para combater esses problemas, a República de Gilead se fundamentou em uma ideia de “retorno aos valores tradicionais” (ATWOOD, 2017, p. 15), como a alimentação orgânica, a fabricação de produtos caseiros, e também a constituição de lugares sociais estritamente definidos e muito bem demarcados. Além disso, esse “retorno” visava à constituição de uma “nova” moralidade com base na religião cristã, justificada por passagens específicas do Velho Testamento.

Desse modo, a legislação de Gilead foi constituída de modo a justificar as ações políticas e sociais, inclusive as mais violentas. A defesa exacerbada de uma moralidade cristã, repleta de pureza e de comunhão, conduziu à formação de uma sociedade teocrática, que praticava o oposto ao divulgado: era altamente violenta, assentada em valores individualistas que foram usados como justificativa para a exploração de seres humanos.

### **3. Como operam o poder e os dispositivos biopolíticos sobre o corpo na sociedade de Gilead?**

No início deste artigo, elencamos pontos importantes para cotejar na análise das relações de poder, conforme nosso estudo das obras de Foucault citadas anteriormente. A seguir, passaremos a análise de cada um dos itens.

O “sistema de diferenciações” determina quais são os indivíduos que podem agir sobre os outros, de acordo com as normas jurídicas, ou com as tradições socioculturais, ou ainda conforme a situação econômica, ou o sistema de privilégios, entre outros. Na obra de Atwood, o sistema de diferenciações era altamente hierarquizado, distinguindo, em primeiro lugar, homens e mulheres. Essa primeira diferenciação foi marcada pelo corpo, dispondo os indivíduos em determinados lugares e conferindo a eles determinados “papéis”. Segundo Foucault (1995, p. 246), “toda relação de poder opera diferenciações que são, para ela, ao mesmo tempo, condições e efeitos”. Desse modo, a distinção que separava homens e mulheres na sociedade de Gilead era também utilizada como justificativa para a hierarquização, conferindo aos homens o direito, por exemplo, a ler e escrever, o direito a ter dinheiro e propriedades, bem como participar das decisões políticas, enquanto esses direitos foram negados às mulheres.

Em Gilead, as distinções e as hierarquizações a partir do corpo não se reduziam apenas à separação entre homens e mulheres, pois entre as mulheres havia outras diferenciações, sendo a principal delas no tocante à fertilidade: as mulheres férteis (raras no cenário de Atwood) pertenciam ao governo. Com a instituição da nova lei de Gilead, criou-se “uma reserva imediata de mulheres ao declarar adúlteros todos os segundos casamentos e ligações extraconjugais, prendendo as parceiras de sexo feminino, e, com o fundamento de que elas eram moralmente inaptas, confiscando os filhos e filhas que já tivessem” (ATWOOD, 2017, p. 357). Desse modo, as mulheres que eram consideradas férteis tornaram-se “Aias”.

O papel atribuído às Aias em Gilead pode ser considerado como o mais submisso, contraditório e cruel de todos os sistemas de diferenciações apresentados na narrativa. Isso porque as Aias foram recrutadas de modo não voluntário, muitas delas destituídas de seus empregos, expulsas de suas casas e cujos relacionamentos ou casamentos foram considerados ilegais ou inválidos, bem como seus filhos e filhas, caso os tivessem, foram recolhidos pelo governo e enviados para orfanatos ou locais de cuidados governamentais. Desprovidas de tudo, essas mulheres foram encaminhadas a centros de treinamentos, chamados de Centro Vermelho, para serem moldadas, ou seja, para terem seus corpos docilizados. Após estarem aptas, elas foram vestidas de vermelho (em referência ao sangue e à fertilidade) e enviadas às casas de Comandantes para que gerassem filhos, que seriam criados pelo Comandante e sua Esposa. O sistema de diferenciação marca essas mulheres de modo ambíguo, pois ao mesmo tempo em que sua fertilidade é abençoada, elas também são consideradas indecentes, por fazerem sexo com diferentes Comandantes e se sujeitarem a uma situação de servidão. Em outros termos, as Aias possuem as glórias da fertilidade e devem fazer apenas isso: ter filhos para os outros.

As outras mulheres que também faziam parte da reserva, mas que não podiam gerar filhos tornaram-se Marthas, vestiam trajes verdes desbotados e trabalhavam basicamente como empregadas domésticas e cozinheiras: eram responsáveis pelos afazeres da casa. Em algumas casas as Marthas também eram encarregadas de cuidar das crianças, ou auxiliar as Esposas dos Comandantes nesta tarefa. Algumas Marthas foram recrutadas, enquanto outras eram fiéis dos Filhos de Jacó e simplesmente ajudaram na implementação do novo sistema. Assim como as Tias.

As Tias eram fiéis dos Filhos de Jacó que possuíam grande influência no comando de Gilead. Eram elas que treinavam as Aias e se responsabilizavam pelo controle das mulheres de um modo geral. Muitas delas eram fervorosas devotas que acreditavam na instituição de “valores tradicionais” como solução para os problemas sociais. As Tias possuíam um importante papel na disseminação, manutenção e reprodução dos valores, costumes e rituais da República de Gilead. Estava a cargo delas o treinamento das Aias, que incluía o controle do corpo e do comportamento das mulheres.

As Esposas dos Comandantes compunham a elite das mulheres de Gilead. Vestiam vestidos azulados e estavam igualmente submetidas às regras impostas, como por exemplo, não poder ler e escrever. Contudo, podiam desfrutar de alguns privilégios, como participar de reuniões e jantares sociais. A relação entre as Esposas e as Aias era tensa e conflituosa, visto que as Esposas deviam cuidar das Aias, preservando a saúde e a integridade física delas, haja vista que os corpos das Aias são propriedade do governo. Porém, as Esposas e os Comandantes podiam bater nas Aias, conforme narra a personagem da obra: “Ela [a esposa] provavelmente estava com vontade de me dar uns tabefes na cara. Eles podem bater em nós, existe precedente nas Escrituras determinando isso. Mas não com qualquer instrumento. Somente com suas mãos” (ATWOOD, 2017, p. 26).

Por fim, existem as Econoesposas, que se vestiam com roupas listradas de azul, vermelho e verde. Elas eram casadas com homens pobres (que são quase todos que não são Comandantes) e eram

responsáveis por cuidar da casa, gerar e cuidar dos filhos. Elas não podiam trabalhar e também não podiam ter Marthas para lhes ajudar. As Econoesposas, em geral, eram mulheres que se casaram antes de Gilead, mas que não tiveram seu casamento invalidado após a nova lei, ou então jovens que se casaram já sob a lei de Gilead.

Como podemos observar, as mulheres estavam submetidas aos homens e tinham distinções entre elas bem definidas, incluindo vestimentas de cores diferentes para cada grupo. Os homens, de um modo geral, se diferenciavam por função, cada qual possuindo um lugar na hierarquia. Exceto os Comandantes, que eram ricos e faziam parte da elite, os demais homens eram pobres e se diferenciavam apenas pelo trabalho que realizavam.

Os Comandantes eram os homens que mandavam e governavam a República de Gilead. Oriundos do grupo “Filhos de Jacó”, eles tomaram o governo, formularam uma nova constituição e passaram a governar o país. Não fica claro se existia um Comandante que era mais importante que o outro, ou que existia a figura de um chefe de Estado.

Na hierarquia, abaixo dos Comandantes, estavam os Guardiões, que não eram “soldados de verdade”, pois atuavam no policiamento de rotina e em outras funções, como cavar o jardim das Esposas, ser motorista, trabalhar nos mercados e nas lojas. Muitos dos Guardiões são Olhos, um grupo de espiões, encarregado de manter a segurança, capturar membros de grupos de resistência, entre outras atividades de segurança, vigilância, policiamento e manutenção da ordem. Eles estavam infiltrados em todos os níveis sociais, estando, muitas vezes, acima dos Comandantes, tendo em vista que possuíam autoridade para executar a lei. E também havia os Anjos, que eram os homens que formam o exército e iam para as frentes de batalha.

Além disso, pessoas homossexuais eram consideradas Traidores de Gênero. Em consequência, a lei de Gilead era taxativa: os homens eram enforcados; as mulheres férteis viravam Aias, as inférteis tornavam-se Marthas ou prisioneiras em campos de concentração, chamados Colônias. Ou então, eram enforcadas.

Podemos questionar: por que uma sociedade necessita ser tão hierarquizada e com relações interpessoais tão complexas? Isso está relacionado aos objetivos dos sistemas de diferenciações que constituem as relações de poder, nos levando ao segundo ponto de nossa análise.

Os “tipos de objetivos” são aquilo que se pretende ao agir de determinada forma e com qual/quais objetivos. O maior problema apresentado na sociedade pré-Gilead era a falta de nascimentos. Em outros termos, as mulheres que tinham a capacidade de gerar crianças optavam por não as ter, enquanto outras mulheres que desejavam ter filhos não conseguiam, porque não eram férteis. Em Gilead, o objetivo principal era formar uma sociedade na qual as mulheres cumprissem seu “destino biológico” que consistia, basicamente, em reproduzir.

Destacamos que esse era o objetivo a curto prazo, uma vez que a República de Gilead não se sustentaria desse modo por muito tempo. A longo prazo, com a retomada da agricultura sem agrotóxicos e de modos de vida mais simples e ordinários, se esperava que as taxas de infertilidade

entre as mulheres se elevassem e que todas pudessem, novamente, gerar seus próprios bebês, dispensando os serviços das Aias.

A República de Gilead, entretanto, se instaurou em uma sociedade parecida com a nossa, na qual as mulheres decidem se querem ou não ter filhos, bem como quando querem tê-los, ou ainda decidem se querem ou não tomar anticoncepcional ou usar outros meios contraceptivos. Hoje as mulheres possuem opções disponíveis, como trabalhar, votar, se eleger, dirigir, ter conta bancária, chefiar uma empresa, entre outras possibilidades, na qual “ser mãe” é apenas uma dentre diversas outras alternativas. Isso significa dizer que “ser mãe” não era um destino nem uma obrigação para diversas das mulheres que se tornaram Aias em Gilead, mas que ainda assim foram submetidas a essa situação. Como isso foi possível?

Para responder a essa questão, precisamos investigar as “modalidades instrumentais” e as “formas de institucionalização”.

As “modalidades instrumentais” são os tipos de armamento, os sistemas de vigilância e o controle, a positivação de regras, a legalidade das normas, as tradições e os costumes que são mantidos, podendo ser explícitos ou não. Em “O conto da aia”, havia homens armados por toda parte. A força ostensiva é narrada em diversos trechos, com pontos de controle espalhados pela cidade, que monitoravam o ir e vir de todos. Além disso, os Olhos, apesar de invisíveis, estavam por todos os lugares e, de modo a tornar mais eficaz, as pessoas vigiavam umas às outras. A narradora, ao se referir à Aia que ia às compras com ela, diz: “A verdade é que ela é minha espiã, como eu sou a dela. Se alguma de nós duas escapulir da rede por causa de alguma coisa que aconteça em uma de nossas caminhadas diárias, a outra será responsável” (ATWOOD, 2017, p. 29).

Complementarmente, foi necessário destituir as mulheres de tudo que lhes dava autonomia, com o objetivo de diminuir o enfrentamento ao novo regime. Para isso, a nova lei revogou o direito das mulheres ao trabalho, bem como transferiu todos os bens e saldos em contas bancárias para o homem mais próximo na linha de parentesco, como pai, irmão ou marido. Somado a isso, a nova lei detalhou procedimentos que visavam ao “retorno aos valores tradicionais”, com base na moralidade religiosa.

Já as “formas de institucionalização” se referem às estruturas e às instituições reguladoras as quais estamos submetidos, como a família, a escola, os locais de trabalho, o governo, os hospitais e o ordenamento jurídico. Embora não fique explícito, na obra, se há um chefe de Estado, fica claro que os Comandantes (não sabemos quantos, mas sabemos que são vários) eram os governantes, pois eram eles que faziam e aprovavam as leis; eles também eram responsáveis pelo julgamento e pela sentença dos condenados, dentre outras funções de chefe de Estado. Cremos que havia diversos dirigentes em pequenos locais, descentralizando o poder e fortalecendo os vínculos regionais, devido ao intenso poder sobre o corpo que foi exercido. A lei é constituída com base em passagens do Velho Testamento, que são escolhidas visando determinados fins, como por exemplo, justificar os atos de violência e controlar exacerbadamente a vida dos indivíduos.

As instituições possuíam funções bem definidas, auxiliando na manutenção das castas que se formaram. Os crimes e os desacatos eram punidos com dor e sofrimento. O controle era rígido e as punições incluíam: mutilações de membros, enforcamentos, fuzilamentos, apedrejamentos. O espetáculo público da punição, tal como abordado por Foucault (2003), era praticado por meio de rituais. O objetivo era punir uma pessoa severamente, que serviria de exemplo para coagir as demais. Além disso, nas microrrelações, havia outras formas de punição, como: o enclausuramento; a redução da porção de alimento; e atos de violência física, verbal e psicológica.

O ir e vir também era fiscalizado. Existiam postos de controle que monitoravam a entrada e a saída de todos, de modo que se poderia acompanhar a trajetória de alguém. As Aias, por exemplo, só podiam ir a determinados lugares, com trajetórias estabelecidas e sempre acompanhadas. Este cenário de coerção e vigilância constante nos coloca diante do contexto no qual se estabeleceram as relações de poder na sociedade Gilead.

Com a análise dos “graus de racionalização” se busca compreender de que modo as relações de poder e a implementação dos dispositivos biopolíticos estão se desenvolvendo e se efetivando, de acordo com a eficácia das técnicas e estratégias de poder, e ainda verificando como são realizados os ajustes necessários. A “disciplinarização do corpo” se refere às disciplinas e aos “corpos dóceis”. De acordo com Foucault (2003), o corpo é submetido a limitações, obrigações, proibições, que operam sobre ele coerções e controles incessantes. Por meio da manipulação, o corpo se torna maleável, podendo ser ajustado e aperfeiçoado conforme os interesses da dinâmica em jogo. A ênfase recai nos processos, nos detalhes, nos gestos. Há uma coerção sobre o tempo e o espaço.

Em Gilead, as Aias eram levadas para o Centro Vermelho, onde elas (re)aprendiam a se vestir, como olhar, como falar, qual era a entonação correta da voz, aquilo que era permitido falar ou não. Em termos foucaultianos: as mulheres foram levadas para este centro para docilizar seus corpos. Para isso, foi necessário aplicar ao corpo uma disciplina, que treinou os gestos, os gostos, o olhar, para que elas se tornassem dóceis e pudessem cumprir seu “destino biológico”. Tudo daquelas mulheres foi controlado e tinha uma função. A narradora descreve sua vestimenta vermelha de Aia:

tudo, exceto a toca ao redor da minha cabeça é vermelho: da cor do sangue que nos define. A saia desce à altura dos meus tornozelos, rodada, franzida e presa a um corpete de peitilho liso que se estende sobre os seios, as mangas são largas e franzidas. As toucas brancas também seguem o modelo padronizado; são destinadas a nos impedir de ver e também de sermos vistas (ATWOOD, 2017, p. 16).

A ideia de que “ser vista é ser penetrada” (ATWOOD, 2017, p. 41), fez com que fossem exercidos os mais diversos controles sobre os corpos das mulheres: “o cabelo tem de ser comprido, mas coberto” (ATWOOD, 2017, p. 77); os olhos deviam ser baixos; nunca podiam mostrar o rosto; não podiam sorrir; as Aias deveriam ser (ou pelo menos parecer) castas e compreensivas. A sujeição delas foi obtida por meio da produção de corpos dóceis, que só foi possível pelas disciplinas. Os Centros Vermelhos impuseram disciplinas sobre os corpos apoiados na concepção de que as Aias

deviam subordinar-se, pois possuíam um privilégio biológico (quase divino): o de gerar uma nova vida.

Destacamos a passagem na qual a narradora descreve seu estranhamento com o próprio corpo: “Minha nudez é estranha para mim. Meu corpo parece fora de época. [...] Evito olhar para baixo, para meu corpo, não tanto porque seja vergonhoso ou impudico, mas porque não quero vê-lo. Não quero olhar para alguma coisa que me determine tão completamente” (ATWOOD, 2017, p. 78). Essa sensação de estranhamento é o efeito das disciplinas sobre o corpo. Esse resultado é semelhante ao descrito por Foucault (2003) acerca do corpo quando este se torna um prolongamento da máquina: o corpo se torna estranho. Por fim, a disciplina “individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular em uma rede de relações” (FOUCAULT, 2003, p. 141). Aliada às disciplinas, a microfísica também produz efeitos sobre o corpo.

A “administração dos corpos alheios”, ou a “microfísica do poder” é realizada por aqueles que exercem o poder controlam o que deve ser realizado e executado, e ainda a forma como determinada ação ou atividade deve ser feita, agindo sobre a rapidez e eficiência dos indivíduos. Na obra de Atwood, diversas ocasiões de controle do corpo são descritos pela narradora: álcool, café, cigarros são proibidos para as Aias; o tempo era acompanhado pelas badaladas dos sinos, assim como havia uma hora do dia para cada atividade – hora para o cochilo, para as refeições, para o banho (com tempo cronometrado), para ir às compras. Além disso, as Aias não podiam frequentar todos os lugares da casa e deviam falar algo apenas quando a pergunta lhes fosse dirigida. As casas quase não tinham espelhos, os quartos eram desprovidos de qualquer decoração. Os diálogos também eram determinados, como por exemplo, o diálogo entre as Aias enquanto iam às compras: “– Bendito seja o fruto. – Que o senhor possa abrir. – Tivemos a bênção de um tempo bom. – Louvado seja” (ATWOOD, 2017, p. 29-30).

Em Gilead, o controle do corpo possibilitou a condução do comportamento, prevendo as interações entre os indivíduos pormenorizadamente, determinando assuntos, a forma de realizar os diálogos, aquilo que esperar como resposta. A biopolítica, por meio da administração do corpo alheio, sustentou o empreendimento de Gilead, sujeitando massivamente os indivíduos.

Somado a isso, houve uma “hierarquização de acordo com as capacidades”, que provocou a “diferenciação dos indivíduos”, a “homogeneização” da população e a “exclusão de sujeitos”. Estes pontos são efeitos do “sistema de diferenciações”, e operam em um nível mais íntimo. Os Comandantes com maior prestígio, por exemplo, tinham a preferência na escolha de suas Aias, demonstrando uma diferenciação entre os indivíduos nas próprias castas. As pessoas foram diferenciadas por sexo, idade, capacidade produtiva e sexualidade. Alguns indivíduos que se opuseram foram mortos, outros foram recrutados. Tais práticas objetivavam a manutenção do sistema altamente regulador, dependente da submissão dos corpos alheios para se efetivar.

Na República de Gilead, a homogeneização e a exclusão foram efetivadas pela violência e pela morte: não há espaço para a homossexualidade, para a promiscuidade, para a escolha das

vestimentas, para conversar e namorar. Em outros termos, não havia margens para a espontaneidade e para a liberdade nas (e das) relações. Aqueles considerados Traidores de Gênero, por exemplo, eram enforcados e seus corpos eram expostos em um Muro, juntamente com outros criminosos, como médicos que praticavam abortos, padres que não se submetiam à religião de Gilead e rebeldes em geral. Isso tudo servia para reforçar as hierarquizações, as diferenciações, a homogeneização e as exclusões que eram praticadas.

A “ação sobre as práticas sociais” são as técnicas, os mecanismos e os discursos de poder que configuram os dispositivos biopolíticos. Esses dispositivos são sutis e constantes, formando uma complexa rede por meio da qual eles interagem, constituindo as normas e as regras, os controles sobre os corpos e o comportamento. Os indivíduos exercem poder sobre si mesmos ao assimilar as normas e reproduzi-las em seu comportamento; e também exercem poder sobre o corpo alheio (FOUCAULT, 2010).

Na República de Gilead existiam diversos rituais, por exemplo, que visavam a reafirmar a fé ou demonstrar o poder do exército, e ainda impelir os indivíduos a demonstrar sua adesão ao regime imposto. Existiam rituais oficiais, como a Cerimônia, o Salvamento, o ritual de Nascimento, a Rezavagância (casamento coletivo de Guardiões com moças virgens). Além destes, havia os rituais cotidianos, como ir às compras, passar pelo Muro, o comportamento na presença do Comandante, das Esposas, dos Guardiões, das Tias. Os modos de agir de acordo se alteravam conforme os lugares, como por exemplo, quando a personagem diz que existia uma sala onde ela nunca podia se sentar, apenas ficar em pé ou ajoelhada. Nesse contexto, outras passagens podem nos ajudar a dimensionar a biopolítica mencionada: “A República de Gilead, dizia Tia Lydia, não conhece fronteiras. Gilead está dentro de você. (...) Agora andamos pela rua, aos pares, de vermelho, e homem nenhum grita obscenidades para nós, fala conosco, toca em nós. Ninguém assobia” (ATWOOD, 2017, p. 34-36).

Os rituais estavam apoiados no controle dos corpos que foi realizado no Centro Vermelho (centro de treinamento). Por meio das práticas disciplinares, foi possível modelar o comportamento das pessoas para que se submetessem à nova forma de viver que lhes estava sendo imposta. E isso foi obtido aliando-se a força física ao indiscriminado uso de armas (violência).

Além disso, em determinado momento, o julgamento dos crimes passou a ser realizado sem um relato detalhado do crime, pois “concluíram” (alguém que não sabemos quem era ou quantos eram) que uma revelação pública era seguida de diversas tentativas de cometer crimes similares. Narra a personagem que: “os crimes de outras são uma linguagem secreta entre nós. Através deles mostramos a nós mesmas de que poderíamos ser capazes, afinal” (ATWOOD, 2017, p. 324). Isso nos sugere que, apesar do biopoder que era fortemente exercido sobre os corpos, sempre há espaço para enfrentamentos, mesmo em uma sociedade como Gilead.

Por este motivo, as “réplicas, objeções, resistências e enfrentamentos” são relevantes para esta análise, haja vista que a dinâmica de poder permite aos indivíduos exercerem poder em determinado momento e, no seguinte, estarem submetidos a ele. Então, devemos buscar os espaços descontínuos,

nas “brechas e nas falhas” das relações de poder, naquilo que “escapa”, pois esses são os atos de enfrentamento e de resistência.

Nesse ponto, a análise de “O conto da aia” se mostra bastante proveitoso, pois a narrativa nos apresenta diversos momentos de “escapes”, pequenos atos de rebeldia e de resistência narrados pela personagem. Podemos elencar alguns exemplos: as Aias aprenderam a ler os lábios e a sussurrar como meio de manter a comunicação no Centro Vermelho; conversavam sobre a “vida de antes” enquanto faziam compras como modo de manter a lembrança do que eram; olhadelas trocadas com o motorista; uma rebolada para os Guardiões. É possível percebermos que quanto mais a personagem se arriscava em seus “escapes”, maiores ficavam seus atos de enfrentamento: ela foi até a sala do Comandante; com ele, visitou escondida a Casa de Jezebel (uma casa de prostituição); ela encontrava com Nick (o motorista) repetidas vezes, escondida à noite. Ela usou seu corpo além daquilo que suas obrigações mandavam, rompendo com as normas e as regras da nova sociedade.

Foucault (1995, 2017) afirma que o corpo se insere no campo das lutas, destacando a liberdade como condição para a dinâmica do poder. Os pequenos atos de enfrentamento podem ser compreendidos como “atos de liberdade” da personagem. É possível percebermos que, ao mesmo tempo em que ela estava submetida ao poder que lhe era exercido, quando ela tinha uma oportunidade para “virar o jogo” e exercer sua liberdade, ela o fez.

### **Considerações não-conclusivas**

Ao realizar esse exercício de análise, verificamos que é possível encontrar em “O conto da aia” diversos elementos que convergem com o conceito foucaultiano de biopoder. No entanto, a partir dessa afirmação, é possível indicarmos algumas questões que se mostraram importantes ao longo desta análise.

A primeira delas é relativa ao conceito de biopoder. De acordo com Foucault (2003, 2010, 2013), o biopoder surge no século XVIII, com a passagem do poder soberano (que decidia sobre deixar viver ou matar) para um poder que gere a vida (é preciso manter as pessoas vivas e saudáveis). A sociedade distópica, narrada por Atwood, se aproxima, em muitas de suas características, com as das sociedades feudais europeias do século XVII, nas quais se exercia o poder do soberano de decidir sobre deixar viver ou mandar matar: suplícios, mortes como espetáculos públicos de punição (enforcamentos, apedrejamento, fuzilamento, exposição dos mortos no Muro); controle sobre a sexualidade e sobre o sexo; instituição do casamento heteronormativo como único modo válido; entre outros elementos apresentados. Acrescentamos que boa parte dessas características também são descritas nos textos bíblicos, aproximando Gilead de sociedades do início do período cristão (FOUCAULT, 2014), bem como a configuração que sociedades islâmicas e muçulmanas adquiriram a partir do século XX (FOUCAULT, 1994).

Contudo, a República de Gilead também apresenta muitos elementos característicos do biopoder, que atuam na manutenção das disciplinas e na gestão da biopolítica. Desse modo, resta perguntar: qual é o tipo de sociedade narrada em “O conto da aia”?

Na parte final da obra intitulada “Notas Históricas sobre O Conto da Aia”, há uma indicação de que a narrativa se passou em um período de transição, denominado Período Inicial de Gilead. Este apresenta elementos do biopoder e também do período que Foucault denominou “era do poder soberano”. Desse modo, estaríamos diante de qual sociedade, afinal? Uma sociedade do biopoder? Podemos pensar que não, pois ainda que seja possível identificar elementos do biopoder na narrativa, como a disciplina sobre os corpos, isto é, no controle de comportamento, também encontramos elementos de outros modos de relações de poder, como a punição em espetáculo público, a mutilação de membros, a explícita definição de lugares sociais por castas. Contudo, não é possível identificar um soberano.

Conseguimos apenas tecer algumas considerações não-conclusivas sobre a análise aqui proposta. Se é possível afirmar que alguns elementos de análise apresentados por Foucault nos auxiliam em estudos sobre as relações de poder, em especial, aqueles que se referem ao contexto histórico, percebemos que há um limite para investigarmos as relações de poder fora do contexto que ele mesmo pesquisava (as sociedades europeias do século XVII-XIX). Possivelmente, o conceito de biopoder não abrange todos os elementos necessários para a análise da sociedade descrita em “O conto da aia”.

O conceito de biopoder, entretanto, nos auxilia a iniciar a investigação, tendo em vista que os pontos analisados conduziram nosso estudo sobre as maneiras como o biopoder se efetiva nas práticas sociais, possibilitando compreender melhor como se organizam as relações de poder naquela sociedade. Ainda que existam aspectos da proposta de Foucault que não foram possíveis de identificar na sociedade de Gilead, acreditamos que isso se deve ao fato do contexto sócio-histórico da obra ser um momento de transição de uma sociedade para outra radicalmente distinta. Por esta razão, podemos encontrar elementos de diferentes sistemas de poder, com configurações diferentes, mas que, unidas em um novo sistema (no caso, o sistema Gilead), convergem para um mesmo fim. Uma análise mais profunda do contexto histórico, conforme apontado por Foucault (1995, 2003), pode nos apresentar elementos que nos assessoram melhormente na compreensão das relações de poder. Contudo, a narrativa não nos oferece maiores detalhes históricos e sociais, considerando que as relações são reduzidas e as informações são controladas.

Logo, a narrativa não contém todas as informações históricas necessárias para a nossa análise justamente porque se centra em contar a história de uma personagem que exerce os enfrentamentos e as resistências. Isso demonstra que, embora o poder circule, se exerça e se reproduza, o mesmo ocorre com as resistências: elas circulam, se exercem e, em certa medida, se reproduzem. A história que é narrada pela personagem fornece elementos para que possamos compreender em detalhes os movimentos de sujeição e de enfrentamento ao poder.

Por fim, assim como já apontava Foucault, é necessário também realizar outro movimento de análise, igualmente significativo: a partir do contexto apresentado, observar aquilo que se salienta, ou que em determinados momentos se omite e se silencia. Desse modo, é possível constituir um sistema próprio de análise para cada contexto em que ocorrem as relações de poder. Acrescentado ao estudo aqui realizado, esse modo de analisar as relações de poder nos possibilitará compreender melhor as relações de forma mais ampla e, ao mesmo tempo, aprofundada.

### Referências bibliográficas:

- ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits III**: 1976-1979. Daniel Defert e François Ewald (Orgs.). Paris: Gallimard, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O sujeito e o poder*. In: **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul (Orgs.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 41 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Segurança, Território, População**: curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- \_\_\_\_\_. **Nascimento da biopolítica**: curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- \_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 23ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Do governo dos vivos**: curso no Collège de France (1979-1980). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Roberto Machado (Org.). 6ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. *Paradoxos do biopoder*: a redução da vida humana a mera vida natural. **Filosofia Unisinos**, v. 8 n. 3, p. 263-275, set/dez, 2007. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/5827/3010>. Acesso em: 07/12/2018.